

“NOTAS SOBRE CULTURA, EXISTÊNCIAS TECNOLÓGICAS OU CONSTRUÇÕES POLISSÊMICAS DE REALIDADES”.

Maria Cristina Gioseffi
mariacristinag@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7107777650482272>.

Nesta comemoração do primeiro ano da Revista *Artefactum* – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia, cujo Seminário tem como tema “A tecnologia e os outros saberes nas escrituras polissêmicas contemporâneas”, aplaudimos a vocação interdisciplinar desta Revista e, conseqüentemente, desse Encontro.

O texto que apresentamos aborda, sucintamente, o que denominamos por “tecnologia” da fala. Trata-se, precisamente, do que reconhecemos ser o poder “tecnológico” da linguagem, as relações que a linguagem incita, denota, conota e provoca. Em uma palavra, pensamos nos efeitos que as falas produzem. No poder das retóricas e dos discursos, sejam estes, religiosos, científicos, tradicionais.

Usamos a idéia de tecnológico para a fala porque ela produz sentidos e realidades, físicas e subjetivas. Como detentora desse poder de produzir sentidos e “realidades”, pensamos que a espécie humana, em sua ação cognitiva é inerentemente tecnológica. Um dos eixos principais que aqui se postula é a idéia de que o viver histórico é sempre técnico-tecnológico, respeitando-se as idiossincrasias étnicas, ambientais, econômicas, enfim, culturais.

De acordo com o Dicionário Houaiss (2001), tecnologia é “a teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana”. E ainda, que “é o conjunto de técnicas de um domínio particular” (p. 2683). É compreensível, que como indivíduos do mundo contemporâneo, mundo altamente tecnologizado, ao falar em tecnologia o pensamento remeta, instantaneamente, para as máquinas avançadas desses tempos pós-modernos. No entanto, é bom lembrar e repetir juntamente com o Houaiss, que tecnologia é também a compreensão sistemática “sobre técnicas, processos, métodos, meios, (...), ou domínios da atividade humana”. Nesse sentido, privilegiamos a linguagem como processo e fundamento de toda e qualquer cultura, que cria meios, artifícios, domínios e artes.

Designamos a linguagem como a arte fundadora da existência social. Trata-se de pensar o viver cultural como experiência intelectual dos homens agindo sobre si mesmos,

sobre o ambiente e, principalmente, sobre os outros homens. A esta idéia de integração, inter-relação e agir chamaremos de **existência tecnológica**.

Para exemplificar, podemos datar historicamente essa idéia de existência tecnológica, pensá-la como conceito de práxis, referida a determinados grupos sociais, às ações de classe. Podemos dizer que essa maneira de existir faz parte do “mapeamento cognitivo” pelo qual os homens produzem e reproduzem suas relações sociais, ou as condições históricas de produção para a sua sobrevivência. Destacamos que para pensar a “sobrevivência” não se precisa rechaçar a dimensão simbólica da vida econômica e cultural. É por isso que para Fredric Jameson (1995), o conceito de “mapeamento cognitivo”, deve ser utilizado como ‘palavra código’ para um novo tipo de consciência de classe “até então inimaginável” (p. 56).

É bom marcar esta idéia: sobre um novo tipo de consciência social até então inimaginável; para não perder de vista o alcance de transformação social que as novas tecnologias possibilitam. Em termos de participação, divulgação e conscientização do processo histórico-cultural. A idéia de “mapeamento cognitivo” é uma forma de apreensão da cultura pela coletividade porque abarca as experiências e modos de subjetividades. A composição deste mapa conceitual orienta ações na realidade.

Por vezes, o termo cultura provoca confusão. Comumente, nas Ciências Sociais, fala-se em **cultura** no sentido da diversidade humana. Para o pesquisador social todos os povos criam cultura, quer dizer que criam formas de organizar, gerir e manter a vida-em-comum. Ao pensar em cultura é preciso ter em mente os aspectos humanos “em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência” (SANTOS, 1991, p. 7). Daí chamarmos o viver comum de **existência tecnológica**.

Em qualquer tempo e em todas as culturas as técnicas ou tecnologias utilizadas pelos homens ao longo do processo histórico, causam transformações: umas mais, outras menos. Então, mesmo considerando o estado atual de desenvolvimento das tecnologias virtuais, que impõem para este tempo mudanças decisivas no que diz respeito à ordem de significação/re-significação das culturas, trata-se de compreender a diversidade humana — local e mundial. Afirmando-se, sobretudo, o respeito às sociedades tradicionais e aos saberes técnico-tecnológicos que se perpetuam como possibilidade de manutenção e sobrevivência dos grupos sociais cujos valores e maneiras de viver e de sentir diferem daqueles predominantes na cultura ocidental moderna.

Então, trazemos algumas “Notas sobre Cultura, Existências Tecnológicas ou Construções Polissêmicas de Realidades”. Como dissemos, nosso ponto de vista é de que os grupos humanos, em suas práticas culturais, históricas e contextuais, utilizam tecnologia. Entendemos que a **existência tecnológica** é fundamentada pela linguagem; e que a própria linguagem é um ato tecnológico. No sentido de que as palavras, retóricas, discursos são possibilidade de criação cultural.

Partindo dessas idéias, (1) de que a “fala” é uma ação tecnológica, (2) de que é a linguagem o fundamento da vida social e, (3) de que os discursos constroem realidades, é que propomos algumas Notas para abordar dois tipos de retóricas: da ciência e do “senso comum”.

Podemos falar em construção de realidades ou em “campos de enunciados” (FOUCAULT, 1987). O conceito de “campos enunciativos” proposto pelo filósofo e historiador Michel Foucault, chama atenção para o enunciado dos discursos científicos que constroem realidades. Quer dizer, que se cria uma autoridade enunciativa socialmente aceita para que, a partir daí, se proceda ao “trabalho” de convencimento entre os diferentes componentes do sistema de enunciações científicas. Nesse entender, os discursos das diversas ciências criam os “campos” de suas atuações, nomeando suas realidades.

De acordo com Foucault (1987), trata-se de um movimento de fronteiras entre disciplinas. No entanto, esses campos e suas fronteiras não constituem, necessariamente, uma superfície de discursos contínuos, entrelaçados de forma uníssona. Não se trata de unidade ou unanimidade discursiva. A idéia é fazer valer as “falhas” ou “rupturas”; acostumar-nos teoricamente com a instabilidade e a contingência. São “espaços” ou “campos” marcados pela “descontinuidade”, que constrói tanto o discurso científico quanto o discurso do senso comum.

A noção de “campo enunciativo” foucaultiana faz parte do complexo sistema de pensamento desse filósofo. Para Michel Foucault o “homem”, esta construção científica, é a “projeção” enunciativa de três ciências influentes e predominantes no século XIX. Segundo este autor, na construção do conhecimento nas ciências humanas, o “homem” surge como um **objeto especular** constituído pela interseção enunciativa de três ciências: 1) as matemáticas e físicas; 2) as ciências da linguagem, da vida, da produção e da distribuição de riquezas; 3) a reflexão filosófica. Estes saberes estabelecem um “espaço”,

um plano, cujo volume se “projeta” como expressão dessas três dimensões do conhecimento. Cabe ressaltar, ainda, que para ele as Ciências Humanas não podem ser encontradas em “nenhuma das dimensões, nem à superfície de nenhum dos planos assim delineados” (FOUCAULT, 1966, p.364).

Esse “homem” é um acontecimento da ordem do saber, certamente uma exigência histórica. Por isso, Foucault fala em projeções, porque as ciências humanas não podem ocupar-se dos mesmos problemas da biologia, da economia e da filologia. As ciências humanas se caracterizariam como “projeção” no interstício deste “Triedo de Saberes”. Portanto, podemos dizer que é deste plano projetivo que as ciências sociais estabelecem as suas interpretações sobre linguagens, realidades, existências tecnológicas.

É no “campo” de projeção dos saberes científicos que as realidades se constroem. São retóricas que se aliam à tessitura de sentidos vividos culturalmente. O texto que se apresenta trata de discursos e de interpretações. Destacando a interdisciplinaridade, as escrituras polissêmicas, os contextos. Aqui se destacam saberes e maneiras de interpretar o mundo como existência tecnológica.

Nesse eixo de pensamento que aponta para a construção de realidades através das retóricas constitutivas da vida social, ressaltamos o discurso científico e as retóricas do “senso comum”. Nossa intenção é desmistificar discursos, mostrar que a vida social, em sua grandiosidade, acolhe diferentes formas de viver, pensar, sentir e agir. Queremos principalmente dizer que as tecnologias em seus tempos e em suas dimensões são, exatamente, a expressão da versatilidade das culturas.

De acordo com Boaventura Santos (1987) o paradigma de conhecimento moderno está dimensionado a partir da revolução científica do século XVI — “onde todos nós, cientistas modernos, nascemos” —, tendo se consolidado ao longo dos séculos XVIII até “os primeiros vinte anos do século XX”. Ele observa que a tradição do conhecimento moderno fundamenta-se, até os dias de hoje, pelo domínio das ciências naturais, considerando-se a trilha da revolução científica produzida pelo pensamento de Copérnico, Galileu, Kepler, Giordano Bruno, Cavaliere e Newton.

Copérnico (1543) inverteu a ordem vigente do conhecimento acerca do universo: não é o Sol que se move em torno da Terra, pelo contrário, o sol está ‘imóvel’ e a terra gira. Kepler surpreendeu descobrindo que “os planetas não descrevem círculos

harmoniosos em torno do Sol, mas elípticos” Aquela realidade constrangia a aceitar que a ordem do mundo estava sendo “desordenada”. Galileu, com sua luneta, desvenda um mistério: a existência de outros planetas “com dimensões impensadas até ali”. Giordano Bruno, cuja retórica ofendia a Igreja, foi condenado. Cavaliere, um holandês discípulo de Galileu, inventa o cálculo infinitesimal e descobre que o mundo debaixo dos pés é “infinitamente pequeno” se comparado ao “outro” mundo, “infinitamente grande”, que fora descortinado por Galileu (PELEGRÍN, 2.000, p. 31).

A revolução científica do século XVI fomentou uma transformação técnica sem precedentes na história da humanidade. Naquele momento histórico vivenciou-se uma enorme ampliação do conhecimento científico, tecnológico e comunicacional. Resguardando-se para cada época a singularidade das experiências vividas através das técnicas e descobertas de seu tempo.

O sociólogo B. Santos (1987) explica que durante a modernidade, a vida social foi “especializada” a partir da produção do conhecimento científico. Isto aconteceu porque a “visão de mundo” da ciência extrapolou os “laboratórios” de onde se originavam as conceituações sobre a “realidade”. Assim, o discurso científico invadiu as retóricas do “senso comum”, participando da criação dos significados sociais e das maneiras de compreensão das realidades culturais.

Referindo-se aos contextos da “alta modernidade”, também A. Giddens (2002), chama atenção para este fato dizendo que os sistemas especializados “penetram virtualmente” todos os campos da vida social — “em relação aos alimentos que comemos, aos remédios que tomamos, aos prédios que habitamos, às formas de transporte que usamos e muitos outros fenômenos” (*idem*, p. 24). Esta constatação demonstra como a vida cotidiana está atravessada pela racionalidade técnica-científica, embora se saiba que este conhecimento (dos sistemas especializados) é limitado para a maioria das pessoas.

Na construção da vida social B. Santos (1987, 1996, 2001) entende que existe o entrelaçamento de duas dimensões discursivas, a “societal” e a epistemológica. A dimensão epistemológica diz respeito ao paradigma do conhecimento moderno nos moldes das ciências. A dimensão discursiva societal — que este autor denomina como “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente” — se configura, entre outras, pela sensibilidade, experiência e conhecimento da vida comum.

B. Santos (2001) considera que através do diálogo com o conhecimento científico a dimensão utópica e libertadora do conhecimento do senso comum pode ser ampliada. Ele diz que, “o senso comum é prático e pragmático, reproduz-se colado às trajetórias e às experiências de vida de um dado grupo social e, nessa correspondência, inspira confiança e segurança” (p.108).

Uma maneira simples de entender o senso comum é pensá-lo como filosofia de vida. Pode-se dizer, ainda, que um conhecimento baseado em um sentido comum refere-se à maneira como aprendemos a nos direcionar diante de experiências banais, curiosas, lúdicas ou trágicas, no percurso de nossas vidas.

Retomando questões explicitadas, dissemos que a “fala” é o fundamento tecnológico da vida cultural e que a linguagem cria realidades sócio-culturais. Entendemos que o viver histórico é, em qualquer contexto, técnico-tecnológico. E percebemos esse viver como fruto das experiências intelectivas; quer dizer, dos homens agindo entre si, com o meio-ambiente e consigo mesmos; pensando as ações humanas como reverberações.

A afirmação de que a interação humana repercute/reverbera possibilita apontar tanto para o caráter reflexivo quanto para o estilo projetivo do conhecimento humano. Daí afirmar que a ação humana é inerentemente tecnológica, porque cria métodos, mídias, domínios.

Entendemos o viver humano como existência tecnológica porque é fruto da palavra, da ação, da informação. Trata-se da articulação entre palavras, pensamentos e ações. Refletir ou “escutar” às nossas falas, provocar diálogos e conversações e reproduzir sentidos, reforça o significado “tecnológico” das nossas existências, projetando o conhecimento sempre para adiante, nos tempos e nos espaços. Tornando-nos tecnologicamente imortais.

O que queremos aproximar (ou banalizar) é o peso das retóricas especializadas. Por isso insistimos que a vida vivida é uma colcha de retalhos tecida por muitos discursos e muitos sentidos: religiosos, racionais, científicos, tradicionais, lúdicos, esportivos etc.. Ressaltando-se a idéia de **existência tecnológica** como inerentemente cultural: nas tribos africanas e nas indígenas brasileiras; no Himalaia ou em Tóquio, em São Paulo ou Nova York; no campo, no cerrado, nas florestas, nas megalópoles.

Para cada contexto a sua expressão tecnológica, é preciso respeitar cuidadosamente esta idéia. Cuidadosamente para não atropelar as tradições com a fúria tecnológica ocidental. Contudo, além desta posição de respeito às diferenças contextuais é preciso também celebrar o enorme campo de possibilidades imaginativas, polissêmicas, que o mundo digital e as tecnologias virtuais permitem. Casamentos de tecnologias, hibridismos, misturas espaciais, bacanais temporais, cocares e computadores. O que entristece é a miséria que persiste mesmo neste mundo de altas tecnologias, saberes e escrituras polissêmicas.

Por essa razão, a intenção é desmistificar os usos das ferramentas de alto desempenho para que, respeitando-se todos os tipos de tecnologia, às tradicionais se alijem às novas. E um bom começo para fazer a desmistificação é atuar nas idéias; começando através das palavras. Banalizando as ideologias do “último tipo”, de “última geração”, do mais caro. O propósito é tornar acessível à maioria (quem dera a todos), os novos meios; democratizar as idéias para torná-las ícones comuns. Afastar a miséria pelo conhecimento e sua partilha, pelos sonhos de sermos realmente uma comunidade mundial pautada no respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.
- _____. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. As palavras e as coisas. Lisboa: Portugalia, 1996.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.
- JAMESON, Fredric. Modernidade Singular. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.
- _____. Espaço e Imagem. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.
- PELEGRÍN, Benito. *Figurations de l'infini*. Paris: Seuil, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Souza. (Org.) Conhecimento Prudente para uma Vida Decente. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. A Crítica da Razão Indolente. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Um Discurso sobre as Ciências. 7ª ed. Porto: Afrontamento, 1987.

_____. Pela mão de Alice. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, José Luís dos. S. O que é cultura? São Paulo: Brasiliense, 1991.

SOBRE A AUTORA

Maria Cristina da Silva Gioseffi possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1992), mestrado e doutorado em Psicologia Social e Institucional pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996/2005). Pesquisadora na área de Identidades Culturais, com ênfase em estudos sobre o Imaginário Cultural e Relações Interpessoais, atuando principalmente nos seguintes temas: culturas, linguagens, retóricas, construção de identidades, religiosidades, comunicação e imagem. Maria Cristina atua, ainda, como professora de Yoga Integral (Purna Yoga) há 15 anos.